



[Traduções]

Quatro teses não hermenêuticas sobre Walter Benjamin

Four Non-hermeneutical Theses on Walter Benjamin

Giorgio Agamben¹

¹Filósofo italiano

Versão original:

AGAMBEN, G. Quatre thèses non herméneutiques sur Walter Benjamin (1988). *Giorgio Agamben Papers* (GEN MSS 1586), Box 24, Folder IX.3. Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University, New Haven, United States.

Tradução recebida em 18/06/2024 e aceita em 16/11/2024.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



Resumo

O ensaio inédito *Quatro teses não hermenêuticas sobre Walter Benjamin* integra a Coleção Giorgio Agamben da *Beinecke Rare Book and Manuscript Library* da Universidade de Yale. Originalmente escrito em francês por Agamben em 1988, o texto encontra aqui a sua primeira tradução para o português. Nele, o filósofo italiano articula as noções de linguagem, tempo, história e teologia para revelar a relação não hermenêutica entre história e linguagem no pensamento benjaminiano. Com efeito, Agamben demonstra que a relação entre história e linguagem humana é condição fundamental para se compreender o pensamento de Benjamin que, ao escovar a história a contrapelo, afasta-se de tendências da hermenêutica contemporânea encerradas no processo de transmissão da tradição. Segundo Agamben, o problema, para Benjamin, “trata-se antes de interromper essa tradição, de operar a sua crise, o seu juízo final”.

Palavras-chave: Hermenêutica; História; Linguagem; Walter Benjamin.

Abstract

The unpublished essay *Four Non-hermeneutical Theses on Walter Benjamin* is part of the Giorgio Agamben Collection at Yale University’s Beinecke Rare Book and Manuscript Library. Originally written in French by Agamben in 1988, this text finds here its first translation into Portuguese. In it, the Italian philosopher articulates the concepts of language, time, history and theology to reveal the non-hermeneutical relationship between history and language in Benjamin’s thought. Agamben argues that the relationship between history and human language is a fundamental condition for understanding Benjamin’s thought which, by brushing history against the grain, moves away from trends in contemporary hermeneutics enclosed in the process of transmitting tradition. According to Agamben, the problem, for Benjamin, “is rather about interrupting this tradition, about operating its crisis, its final judgment”.

Keywords: Hermeneutics; History; Language; Walter Benjamin.



1¹

Uma localização exata das relações entre língua e história, categorias linguísticas e categorias históricas, permanece sendo a condição fundamental para uma boa abordagem do pensamento de Benjamin.² Somente se compreendermos por que e por meio de quais vias uma reflexão que originalmente incidia sobre a linguagem (e, portanto, teo-lógica) tenha se transformado (supondo que já não o fosse desde sempre) em uma reflexão sobre a história (ou seja, somente se formos capazes de ler *juntos* o ensaio *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem*, aquele sobre *A tarefa do tradutor* e o *Prólogo epistemológico-crítico*, por um lado, e o *Passagens* e as teses *Sobre o conceito de história* por outro), obteremos a chave (o *Schlüsselgewalt*) para resolver as contradições aparentes de um pensamento que sempre permaneceu coerente consigo mesmo. Isso permitirá, ao mesmo tempo, distinguir o pensamento de Benjamin das diferentes formas de teologia da história que secretamente dominam as concepções aparentemente mais profanas da história. Porque Benjamin está desde o início consciente da solidariedade original entre o teo-lógico e a história, a qual faz com que todo discurso e toda cultura humana se apresentem necessariamente como transmissão de alguma coisa que deve ser sempre pressuposta sem poder jamais ser esgotada (é a dualidade da língua dos nomes e das línguas históricas, ou ainda aquela de Halachá e Hagadá, que ele toma emprestado de Bialik³). Mas o que caracteriza o seu pensamento é que isso não conduz à formulação de uma nova teologia da história (a uma nova “economia”, no sentido da teologia cristã⁴), mas, antes, a uma dissolução integral do teológico no histórico e do histórico no teológico (ver o exemplo da tinta e do mata-borrão, GS⁵, 1,3, 1325). Uma tal eliminação recíproca é a única chance para que o lugar da verdadeira história humana se torne visível enquanto língua universal (ver a

¹ O resumo, as palavras-chave, as referências bibliográficas e todas as notas de rodapé são da tradutora. A presente tradução integra pesquisa desenvolvida na Universidade de Yale, financiada com a bolsa Barlett A. Giamatti Fellowship da Beinecke Rare Book and Manuscript Library. Agradeço a Ana Suelen Tossige Gomes e a Bruno Bicalho Lage Silva pela revisão da tradução.

² Agamben avança na análise da relação entre categorias linguísticas e categorias históricas em Walter Benjamin no texto “Lingua e storia” (AGAMBEN, 2005, p. 37-55), publicado na coletânea *La Potenza del pensiero*. A versão em português do texto se encontra publicada na coletânea *A potência do pensamento* (AGAMBEN, 2015 p. 33-49), editada no Brasil pela editora Autêntica.

³ Hayim Nahman Bialik (1873-1934), escritor e poeta judeu. Agamben se refere ao texto Halachá e Hagadá (BIALIK, [1916] 2000, p. 45-87).

⁴ Agamben (2007) desenvolve uma minuciosa investigação sobre a *oikonomia* na teologia cristã no livro *Il Regno e la Gloria*. A versão em português do livro foi publicada no Brasil pela editora Boitempo, Cf. AGAMBEN, 2011.

⁵ Sigla alemã para *Gesammelte Schriften* (Escritos reunidos). Após as iniciais GS, o primeiro algarismo indica o volume, o segundo o tomo, o terceiro a página.



identidade da ideia da prosa e da história universal em GS, 1, 3, 1239, e, também, a tradição liberada da verdade a ser transmitida, na carta sobre Kafka). É somente nesse sentido que podemos dizer que Benjamin retoma, a seu modo, a identidade secreta entre religião e misticismo que caracteriza a mística.

II

Nessa perspectiva, uma interpretação correta da categoria do tempo messiânico também é essencial. A relação entre ordem messiânica e ordem histórica não é a de uma segunda história ou de um segundo tempo depois do fim da história e do tempo profano, nem a de uma história divina mais ampla que é revelada e atinge sua plenitude através da história profana. Portanto, não é unicamente o historicismo progressista que a crítica de Benjamin visa: igualmente excluídas do horizonte benjaminiano se encontram as duas correntes teológicas fundamentais da história da salvação (*Heilgeschichte*) e da economia (a história como dispensação divina). Não há continuidade na passagem de um plano a outro (nem mesmo pela mediação do processo total): *o messiânico não é o começo de uma segunda história, mas o fim da história, sua crise e sua interrupção* (nesse sentido a tese XVIII do *Handexemplar*⁶ das teses *Sobre o conceito de história* diz que a luta de classe não é o objetivo final do progresso histórico, mas sua interrupção).

Por outro lado, ainda deve ser estudada a relação que o pensamento de Benjamin estabelece com a teologia de Franz Overbeck⁷ (que ele conhecia desde 1918) e com a teologia

⁶ Conforme descreve Michael Löwy (2005, p. 35-36), “em 1974, foi publicada a edição crítica e comentada das teses, das variantes e das notas, assim como da tradução francesa pelo próprio Benjamin, nos *Gesammelte Schriften* (GS, Frankfurt, Suhrkamp) organizados por R. Tiedemann e H. Schweppenhäuser, com a colaboração de Adorno e Scholem. A essa edição foi acrescentada a última cópia, intitulada *Handexemplar* [Coletânea] – que apresenta a particularidade de fazer de uma das notas a tese XVIII – descoberta por Giorgio Agamben e integrada ao volume VII dos GS (1991)”. O *Handexemplar* se encontrava entre os papéis de Walter Benjamin que Agamben recebeu, em 1981, da viúva de Georges Bataille. Na edição crítica de *Sobre o conceito de História*, Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva (2020, p. 65) esclarecem que “a viúva de Bataille repassou esse manuscrito para Giorgio Agamben em 1981. Trata-se de uma versão muito importante, até agora inédita em português, como a M HA e a versão francesa. Agamben descreveu o manuscrito com as seguintes palavras: ‘Trata-se de um texto datilografado sem título de 20 folhas (de formato 21 X 21 cm) com numerosas correções à mão feitas por Benjamin. Bem no alto da primeira folha Benjamin escreveu à esquerda: *Handexemplar* (sublinhado)’. Para ampliar a compreensão da história do *Handexemplar* e o processo de pesquisa desenvolvido por Giorgio Agamben sobre a tese XVIII, Cf. BONOLA; RANCHETTI, 1997, p. 3-14.

⁷ Franz Camille Overbeck (1837-1905), teólogo protestante alemão. Em “Archeologia filosófica”, terceiro capítulo de *Signatura Rerum*, Agamben (2008, p. 82-111) apresenta as concepções de história e pré-história de Overbeck para, então, retomar Benjamin ao entrelaçar as noções de arqueologia e história. A versão em português do texto se encontra publicada no livro *Signatura Rerum* (AGAMBEN, 2019 p. 115-160), editado no Brasil pela editora Boitempo.



dialética de Karl Barth,⁸ que radicaliza a diferença qualitativa entre plano divino e plano histórico. (Essa relação ainda é inexplorada, mas já se pode indicar pontos de contato nas noções de decisão e *Jetztzeit*, bem como um possível intermediário na revista parisiense *Recherches Philosophiques*, que Benjamin lia e onde foi publicado, em 1934, um ensaio de Corbin sobre *A teologia dialética e a história*,⁹ extremamente interessante a respeito).

III

Como nós devemos conceber, de acordo com Benjamin, a relação com o passado (o “poder das chaves” sobre uma estância fechada do passado que está em questão na tese XVIII do *Handexemplar*)? O *Passagens* põe o despertar como uma categoria central do conhecimento histórico. O que isso quer dizer? Assim como Carchia¹⁰ mostrou em uma brilhante análise, o essencial aqui é a estrita correlação entre sonho e despertar. O sonho é algo que existe apenas no despertar, e o despertar só é possível por meio da lembrança do sonho. É preciso apreender bem este estranho limiar de *existência pela inexistência*, do estar presente no não-mais, que constitui o modelo do conhecimento histórico. O conhecimento do passado não tem aqui outro valor senão o de ser a forma histórica do nosso despertar.

Nada mais distante, portanto, das intenções de Benjamin, do que a prática histórico-crítica hoje corrente, que entende sua tarefa como a exploração e a recuperação de heranças alternativas e territórios não desbravados da história. O problema, para Benjamin, não é encontrar novos conteúdos para atribuir à mesma tradição cultural. Trata-se antes de interromper essa tradição, de operar a sua crise, o seu juízo final. Para o indivíduo, assim como para a humanidade, salvar o passado só pode significar ter o poder de terminá-lo e de se separar dele. “A redenção”, escreve Benjamin, “não é uma recompensa para a existência, mas sua única via de saída”. E ainda: “A história da cultura aumenta o peso dos tesouros que

⁸ Karl Barth (1886-1968), teólogo protestante suíço. Em “Archeologia della gloria”, oitavo capítulo de *Il Regno e la Gloria*, Agamben (2007, p. 219-284) põe em diálogo a concepção teológica da glória de Barth com o problema da relação entre trindade imanente e trindade econômica, entre ontologia e *oikonomia*. Já no livro *Pilato e Gesù*, Agamben (2013) se apoia na interpretação de Barth para elucidar o significado teológico de *paredōken* presente no Novo Testamento. A versão em português de *Pilato e Gesù* foi publicada no Brasil pela editora Boitempo, Cf. AGAMBEN, 2014.

⁹ Henry Corbin (1903-1978), filósofo e teólogo francês. No artigo “La théologie dialectique et l’histoire”, Corbin (1933-1934, p. 250-284) analisa detidamente a teologia de Karl Barth e sua relação com a noção de tempo histórico.

¹⁰ Gianni Carchia (1947-2000), filósofo italiano. Agamben se refere ao texto “Tempo estetico e tempo storico in Walter Benjamin” (CARCHIA, 1983, p. 181-190).



recaem sobre os ombros da humanidade. Mas ela não lhe dá forças para sacudi-los de suas costas e tomá-los nas mãos”.¹¹ Assim como ele não cessou de repetir, e ao contrário das tendências da hermenêutica contemporânea, a crítica é mortificação da obra e, portanto, crise e fim de toda hermenêutica. Sua tarefa consiste em realmente tornar impossível qualquer tradição ulterior da obra enquanto valor estético ou cultural (ou em expor nela a ideia, o que resulta na mesma coisa para Benjamin).

É sobre o paradoxo de uma tal crítica – que não mais interpreta seu objeto para lhe atribuir uma tradição inacabada, mas o esgota e o termina – que Benjamin nos convida a pensar.

IV

Ainda resta por fazer uma comparação entre a concepção benjaminiana de conhecimento e os temas do saber absoluto e do fim da história em Hegel (e Marx).¹² Esses temas, cuja importância havia sido sublinhada pelo hegelianismo francês dos anos 1930, foram colocados entre parênteses pela hermenêutica contemporânea. Pois, o que para Benjamin está em questão na interrupção messiânica do processo histórico é diretamente proporcional ao problema que Hegel pensou sob a rubrica: saber (ou ideia) absoluto. Mas a diferença é que aqui não é a mediação através da totalidade do processo que dá acesso ao Absoluto, mas a interrupção mesma desse processo. O que se trata de apreender, para Benjamin, não é, portanto, o imediato, mas a mediação mesma. Se, para Hegel, alcançar a mediação (o processo histórico total) faz aparecer o imediato, nós podemos dizer, então, que, para Benjamin, o imediato é a revelação da mediação em si mesma. A história e a linguagem humana não são a revelação de um *Deus Absconditus* ou de uma essência inefável, mas são em si mesmas aquilo que está a capturar.

¹¹ Agamben analisou o excerto de Benjamin aqui referenciado no texto “Walter Benjamin e il demonico” (AGAMBEN, 1982, p. 143-163). A versão em português do texto se encontra publicada na coletânea *A potência do pensamento* (AGAMBEN, 2015, p. 185-210).

¹² Agamben desenvolveu essa comparação de forma ampliada no artigo “Se: L’Assoluto e l’Ereignis” (AGAMBEN, 1982, p. 39-58). A versão em português do texto se encontra publicada na coletânea *A potência do pensamento* (AGAMBEN, 2015 p. 147-171).



Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. Walter Benjamin e il demonico: Felicità e redenzione storica nel pensiero di Benjamin. **Aut-Aut**, Milano, n. 189-190, p. 143-163, 1982.

AGAMBEN, G. Walter Benjamin e o demônio. *In*: AGAMBEN, G. **A potência do pensamento: ensaios e conferências**. Trad. António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 185-210.

AGAMBEN, G. *Se: L'Assoluto e l'Ereignis'. **Aut-Aut**, Milano, n. 187-188, p. 39-58, 1982.

AGAMBEN, G. *Se. O Absoluto e o Ereignis. *In*: AGAMBEN, G. **A potência do pensamento: ensaios e conferências**. Trad. António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 147-171.

AGAMBEN, G. Lingua e storia: Categorie linguistiche e categorie storiche nel pensiero di Benjamin. *In*: AGAMBEN, G. **La Potenza del pensiero: Saggi e conferenze**. Vicenza: Neri Pozza Editore, 2005, p. 37-55.

AGAMBEN, G. Língua e história: categorias linguísticas e categorias históricas no pensamento de Benjamin. *In*: AGAMBEN, G. **A potência do pensamento: ensaios e conferências**. Trad. António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 33-49.

AGAMBEN, G. Archeologia della gloria. *In*: **Il Regno e la Gloria: Per una genealogia teologica dell'economia e del governo**. Vicenza: Neri Pozza Editore, 2007, p. 219-284.

AGAMBEN, G. Archeologia da glória. *In*: **O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 129-168.

AGAMBEN, G. Archeologia filosofica. *In*: **Signatura Rerum: Sul metodo**. Torino: Bollati Boringhieri, 2008, p. 82-111.

AGAMBEN, G. Archeologia filosófica. *In*: **Signatura Rerum: sobre o método**. Trad. Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 115-160.

AGAMBEN, G. **Pilato e Gesù**. Milano: Nottetempo, 2013.

AGAMBEN, G. **Pilatos e Jesus**. Trad. Silvana de Gaspari e Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2014.

BIALIK, H. N. Halachah and Aggadah [1916]. *In*: **Revelment and Concealment: Five Essays**. Trad. Leon Simon. Jerusalem: IBIS Edition, 2000, p. 45-87.

BONOLA, G.; RANCHETTI, M. Sulla vicenda delle tesi "sul concetto di storia". *In*: BENJAMIN, W. **Sul concetto di storia**. Trad. Gianfranco Bonola e Michele Ranchetti. Torino: Einaudi, 1997, p. 3-14.

CARCHIA, G. Tempo estetico e tempo storico in Walter Benjamin. *In*: BELLOI, L; LOTTI, L. (org.). **Walter Benjamin: Tempo Storia Linguaggio**. Roma: Editori Riuniti, 1983, p. 181-190.



CORBIN, H. La théologie dialectique et l'histoire. **Recherches Philosophiques**, Paris, III, p. 250-284, 1933-1934.

LÖWY, M. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÜLLER, A.; SELIGMANN-SILVA, M. Nota de rodapé nº 1. *In*: BENJAMIN, W. **Sobre o conceito de História**. Trad. Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020, p. 65-66.

Sobre o autor

Giorgio Agamben (Roma, 1942) é uma das principais figuras da filosofia e da teoria política contemporâneas, notadamente conhecido pelo projeto *Homo Sacer*. Agamben atuou em diversas instituições renomadas, como a Università Luav di Venezia, o Collège international de philosophie, a University of California e o European Graduate School.

O autor foi o único responsável pela redação do artigo.

Sobre a tradutora

Joyce Karine de Sá Souza é Doutora em Direito & Justiça pela Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2023, foi Pesquisadora Visitante na Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Universidade de Yale, período no qual se dedicou à pesquisa nos arquivos originais da Internacional Situacionista e de Giorgio Agamben. E-mail: joykssouza@gmail.com

